

Orlandi, Eni Pulcinelli; Guimarães, Eduardo; Iarallo, Fernando. Vozes e contrastes: discurso na cidade e no campo. São Paulo: Cortez, 1989, 151 págs.

Resenhado por: Regina Célia Corbucci

DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v1i1.1559>

Os discursos de agricultores (proprietários, posseiros, meeiros, trabalhadores assalariados - temporários ou não) e de cientistas, alunos técnicos e outros especialistas na área rural, têm sido objeto de estudo na academia, nas instituições governamentais e nas entidades da sociedade civil, que atuam no meio rural.

Contudo, esses estudos e pesquisas detiveram-se mais nas questões semânticas. Por exemplo, estudos sobre a comunicação para subsidiar os trabalhos de extensão rural, difusão dos resultados de pesquisas agropecuárias junto aos agricultores e mais recentemente, na última década, foram realizados estudos sobre o discurso do agricultor e o discurso técnico/científico na agricultura, sob a ótica do poder.

No entanto, o presente livro apresenta um trabalho inovador na área. É o resultado de um projeto interdisciplinar e de integração entre a Universidade (UNICAMP) e a comunidade, intitulado "Produtividade e/ou criatividade: Um estudo da linguagem cotidiana da zona rural, em situação de *contato*" (p. 19).

A finalidade da pesquisa era o "fornecimento de subsídios para os projetos que visam à produção agrícola, à alimentação e à saúde" (p. 23). Foi proposta pela Profa. Eni Pulcinelli Orlandi, no âmbito de um Projeto Global do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação - NEPA, na UNICAMP.

O livro é constituído por uma apresentação, 04 capítulos, conclusão e referências bibliográficas, perfazendo um total de 151 páginas.

O Capítulo 1 intitula-se "O saber discursivo e a sociedade" e está subdividido em: introdução e "intermezzo". Na seção "intermezzo", é apresentada a origem do projeto e a concepção da linguagem como prática e como produção para os demais cientistas que participaram do projeto do NEPA. É também apresentado o projeto em termos de seu título, objetivos, metodologia, contexto, amostragem, instrumentos e a constituição do que se define como corpus em análise do discurso. No item seguinte - "Proposta de ação junto aos especialistas em análise de linguagem", a Profa. Eni Orlandi, fala da discussão do projeto com outros especialistas em linguagem - Eduardo Guimarães e Fernando Tarallo, que passaram a constituir com a Profa. Orlandi o grupo de pesquisadores do projeto. Ou seja, o projeto "ganhou corpo coletivo" (p. 34). A seguir, é apresentado o item "As subdivisões do trabalho em três domínios", que descreve as diferentes abordagens teóricas utilizadas no projeto. Além da abordagem da análise discursiva do funcionamento da indeterminação do sujeito na descrição, o projeto também passou a ter uma abordagem enunciativa de certos procedimentos ligados à indeterminação e um estudo sociolinguístico dessas formas de indeterminação (p. 34).

O Capítulo 2, "Enunciação e formas de indeterminação", é constituído por: "Os papéis enunciativos; as formas de indeterminação - Eu; Nós; Você; A Gente" (p.

49 a 51); "Uma hipótese"; "Indeterminação e representação do sujeito"; "Análise das Aulas" - análise de duas aulas do curso de graduação de Engenharia Agrícola da UNICAMP - para observação e análise das diferentes formas de indeterminação (p. 58 a 66); "Análise das Conferências" - duas conferências são também analisadas sob a ótica da indeterminação do sujeito na descrição (p. 66 a 72); "Os artigos do Jornal". Neste último item, são analisados 04 artigos de jornal, também sob a ótica já mencionada (p. 72 a 74). O item seguinte diz respeito a "Uma Entrevista com Trabalhadores Rurais", conduzida por pesquisadores, uma lingüista e dois cientistas de alimento (p. 74 a 76). O último item do capítulo intitula-se "Uma Síntese". Este conclui que "não há formas exclusivas para cada tipo de discurso". Os autores afirmam que o que existem são formas que não aparecem em todos os discursos, levando assim a um continuum discursivo (p. 77).

O Capítulo 3 - "Formas de Indeterminação do Sujeito: Em busca do discurso via marcadores sócio-lingüísticos" - é dividido em cinco itens, com nomes muito originais. O primeiro, "sacando as armas e..." (p. 78) trabalha a "emboscada" a que se arrica o pesquisador, quando se propõe a encontrar o discurso via marcadores sociolingüísticos. O autor faz uma análise honesta e exaustiva dessa provável "emboscada" e também discorre sobre o quadro teórico da sociolingüística. A seguir, define o escopo da análise a ser apresentada, via procedimentos "bottom-up" da sociolingüística quantitativa (p. 82). O item seguinte, "Empunhando uma arma só...", fundamentalmente, trata de um exemplo clássico da área de sociolingüística quantitativa, de D. Sankoff (1974). Deste exemplo, são extraídas conclusões do modelo sociolingüístico quantitativo para o trabalho em questão. As formas de indeterminação do sujeito como prováveis marcas sócio-discursivas foram definidas como objeto deste estudo. O item seguinte, "Acionando o Gatilho" apresenta as principais variáveis em estudo, a saber: a) Passiva analítica (perifrástica ou transformacional); b) Passiva sintética (ou pronominal: a forma "se"); c) A voz genérico-indeterminadora em "nós"; d) a voz genérico-indeterminadora em "eu"; e) a genericidade e a indeterminação através de "o"; f) a voz genérico-indeterminadora em "você(s)"; g) A voz genérico-indeterminadora em "a gente", "o pessoal", "as pessoas". As variáveis foram analisadas no nível sintático, isto é, foram considerados os contextos: sujeito, verbo e objeto direto em voz ativa simples (p. 87 a 91).

O item 4, denominado "E Finalmente atirando", apresenta os resultados da análise sobre o uso de formas indeterminadoras do sujeito nos textos da amostra. É importante salientar o aprofundamento e a precisão da análise dos dados, através das tabelas, dos gráficos e das respectivas interpretações (p. 91 a 103).

O quarto e último item deste capítulo intitula-se "Polindo a arma". Neste item, os textos que foram objeto de análise no item anterior foram submetidos a semelhante tratamento quantitativo em relação às orações adjetivas. Foram coletadas 547 orações adjetivas, divididas em relativas sujeito, objeto direto e oblíquas.

As duas abordagens são complementares e levam a resultados que evidenciam o seguinte fato: "não há marcadores exclusivos para cada tipo de discurso. As formas variantes existentes em cada discurso encontram-se em relação de equilíbrio e balanceamento" (p. 108).

Capítulo 4 - "Caracterização discursiva do modo de enunciação descritiva". Este capítulo é dividido em 04 itens, que por sua vez se subdividem em seções. An-

tes do item 1, são colocados os objetivos dessa parte do trabalho: a) "abordagem enunciativa-discursiva de certos procedimentos lingüísticos ligados à indeterminação e b) "especificidades a respeito dos discursos rural e urbano na caracterização do modo de enunciação descritiva". Na introdução (item no. 1), são apresentadas considerações sobre a descrição em relação às propriedades enunciativo-discursivas dos procedimentos lingüísticos ligados à indeterminação, ou seja, a preferência pela "descrição por apresentar grande incidência da relação entre descrição e marcas de indeterminação" (p. 110 a 115). O item no. 2 - "Algumas observações teóricas", é subdividido em : "Estruturação" - que discorre sobre a estrutura da descrição; "Enunciador" - que trata da presença e da função do enunciado na descrição, ou seja, a descrição é tratada como um modo de enunciação; "A análise da descrição: suas formas e funções" - trata do recorte teórico-analítico - fala didático-descritiva. Nesse momento (p. 119 e 120), o autor faz uma distinção conceitual entre o "pedagógico" que está ligado diretamente às instituições formais de ensino e o "didático" que não supõe essa relação com as instituições formais, apesar de ambos se relacionarem com o ato de ensinar. Afirma ainda que, na sociedade capitalista, há uma determinação do pedagógico sobre o didático, estando este subordinado àquele. Essas afirmações conceituais são equivocadas, visto que tanto o didático como o pedagógico se referem à aprendizagem e não se subordinam a ligações com instituições formais ou não. Em "Recorte de alguns fatos discursivos", apresentam-se exemplos da fala didático-descritiva (p. 121 a 123) e, em seguida, em "Descrição, formalidade e indeterminação", trata-se de didática e diferença e o movimento de interlocução na descrição (p. 123 a 129). O item no. 4 - "As formações discursivas: lugar em que as diferenças são sistemáticas", menciona as diferentes formações discursivas do agricultor e do cientista. Nessa parte do trabalho, é realizada uma análise teórica sobre a constituição das diferenças nas formações discursivas: Citando Pêcheux (1971), e Foucault (1969), os autores ressaltam: "o lugar de que falam os sujeitos é constitutivo do que eles dizem e está representado - mas transformado imaginariamente - nas suas falas".

A Conclusão, "Em direção à especificidade desses discursos", seguem-se as referências bibliográficas (págs. 149 a 151). As análises enunciativa, sociolingüística e discursiva indicam que não há relação automática e mecânica entre marcas formais e funções, levando a concluir que não há diferenças categóricas entre os discursos do agricultor e do cientista, enquanto tipos (p. 134). A partir dessas considerações, os autores afirmam que não há uma separação estanque entre discurso urbano e discurso rural. Os discursos se articulam por confrontos, por exclusões mútuas, por alianças. O modo de relação entre esses discursos é parte constitutiva da política agrária, que, por sua vez, está embutida numa forma histórica: a da dominância do urbano sobre o rural.

Apesar de algumas inconsistências conceituais, como por exemplo, sobre objetivos (p. 21), metas (p. 22), meta prioritária (p. 23), ainda sobre o pedagógico e o didático (p. 120), o livro se constitui numa obra valiosa, ressaltando-se a forma como os autores organizaram o objeto de estudo para fins de pesquisa, o trabalho interdisciplinar da comunidade universitária, orientado para questões sociais; a análise teórica e prática, até certo ponto exaustiva, sob a égide da análise do discurso, que, até então, no Brasil, não havia sido feita sobre dados da área rural.

Referências Bibliográficas

Sankoff, D. A quantitative paradigm for the study of communicative competence. In R. Bauman e J. Sherzer. *Explorations in the ethnography of speaking*. Cambridge: Cambridge University Press, **1971**.